

Aceleração tecnológica e quebra de representações*

Alan Victor Meyer**

Cláudio Rossi**

Laymert Garcia dos Santos***

Marcelo Leite****

A *ide*, no moto contínuo de lançar a escuta psicanalítica para fora dos consultórios e de se deixar tocar pelas reflexões de pensadores de outras áreas do conhecimento, convidou para esta conversa Marcelo Leite e Laymert Garcia dos Santos para, com Alan Victor Meyer e Cláudio Rossi, evidenciarem as interrogações que a presença da tecnologia desperta no imaginário de todos nós.

A Marcelo Leite, cientista social e jornalista, possuidor de profunda familiaridade com o tema, coube lançar as perguntas e intermediar a conversa. Laymert Garcia dos Santos, cientista social, se dedicou a questionar, com rigor, a presença da tecnologia na cultura atual. Alan e Cláudio, por sua vez, deram voz à psicanálise nas interrogações apresentadas.

Reprodução humana

Marcelo Leite: Vou começar com a seguinte pergunta: foram recentemente produzidos óvulos e espermatozóides a partir de células-tronco embrionárias de camundongos, abrindo a porta para mais um paradoxo tecnobiológico – óvulos masculinos –, se a façanha puder ser repetida com seres humanos. Qual é o impacto simbólico desse tipo de objeto sobre as representações mobilizadas na constituição da identidade do sujeito?

Laymert Garcia dos Santos: Essa pergunta me lembra uma observação de alguém, salvo engano um cineasta norte-americano, para quem a diferença entre os anos 70 e 90 era que, nos anos 70, se fazia sexo sem reprodução e, nos anos 90, se fazia reprodução sem sexo. Essa mudança indica justamente a passagem para uma outra história. Uma história que não começou nos anos 90, mas sim nos anos 40 ou 50 – chamo isso de “virada cibernética” –, e que aparece

na questão da reprodução a partir da pílula, assumindo posteriormente essa dimensão da reprodução sem sexo.

Gostaria de ouvir o que os analistas acham disso porque, do meu ponto de vista, é coisa espantosa. Pergunto-me, como analisando que já fui, como fica a questão freudiana, por excelência, da estrutura pai-mãe-filho com relação a esse ponto. Comecei a me perguntar a respeito disso, quando li o livro do advogado americano Andrew Kimbrell, chamado *The human body shop: The engineering and marketing of life*.¹ Nesse livro, que é do começo dos anos 90, ele acompanhou, nos Estados Unidos, os primeiros processos com relação à reprodução assistida. Do ponto de vista da legislação americana, a mãe verdadeira é a que contribui com o patrimônio genético para a geração da criança. Mas a mãe que porta essa criança por nove meses, que se liga afetivamente a ela, que lhe dá à luz, não é considerada mãe, se houver um litígio entre as duas. Comecei a me perguntar, então, como ficava a maternidade. Para os psicanalistas, esta deve ser uma questão importante.

Outro ponto que me parece importante surgiu, anos depois de ler esse livro, quando participei, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, da banca de tese de Alejandra Rotania, uma feminista especialista em reprodução assistida. Ela, associando a reprodução assistida com o feminismo, chegou a uma conclusão bastante paradoxal. Dizia que na verdade brigamos, desde Simone de Beauvoir, pela liberação da mulher, começando pelo trabalho, passando pela liberação da maternidade, do fato de a mulher escolher se quer ou não ser mãe. Quando se chega agora, no momento da reprodução assistida, começamos a ver que a maternidade está sendo entregue à biotecnologia. Surge o paradoxo: por que aquilo que era libertação, num determinado

momento, em outro passou a ser uma fase de transição, para depois se entregar a reprodução à ciência, à indústria da biotecnologia e farmacêutica que a iriam assumir como não sendo mais exclusivamente da alçada da mulher?

Acho este um bom começo para a nossa discussão, pois já há um problema, no meu entender, em duas frentes. Uma é a questão estruturação da psique e a outra é a questão liberação da mulher.

Alan Victor Meyer: É inegável que toda tecnologia afeta o humano e a biotecnologia tem um lugar de destaque por mexer com a própria vida, produzindo essas coisas espantosas que você nos conta. O que me coloco é que tipo de consideração é possível fazer a partir da psicanálise. Quando você diz que surge a questão da estruturação da psique e da liberação da mulher, provavelmente você tem razão. Entretanto, fico com a impressão de que você pede uma reflexão a partir da teoria psicanalítica sobre como tais feitos da biotecnologia afetam a psique. Seria uma espécie de aplicação positiva da teoria para uma interpretação das consequências desses fatos. E é justamente isso que me parece problemático. A psicanálise não teria muito a dizer do ponto de vista positivo, pois o que a caracteriza é, com efeito, a sua negatividade. Na cura analítica, o que interessa é o não dito no dito do paciente e como isso vem à tona na complexa interação analisando/analista. Fabio Herrmann escreveu e pensou muito a esse respeito, ao fundamentar a psicanálise no seu método, por ele denominado ruptura de campo. Não cabe aqui desenvolver suas teorias, mas o que interessa é que a ruptura de campo permite o surgimento do inesperado, o que ele denominou o inconsciente relativo. Assim não há saber a priori do paciente, mas é o que vai surgindo ao longo do processo. A psicanálise não se aplica apenas à cura individual, afinal boa parte da obra de Freud trata da “psicanálise fora dos muros”, e que Herrmann denominou a psique do real. Acontece que também nesse nível temos que proceder de forma negativa, e não ficar no nível do que é dado. Enfim, queria deixar bem claro que não é nada simples como a psicanálise poderia realmente contribuir para o maior esclarecimento das questões propostas.

Cláudio Rossi: Os pais sempre foram considerados, principalmente, pais do corpo do filho. É por isso, acredito, que as linhagens de sangue, em geral, prevalecem do ponto de vista jurídico. Os pais são considerados mais pais ou pais mais significativos exatamente naquilo que menos interferem, no que menos depende de sua vontade. Desse ponto de vista, são apenas os veículos de um material genético que não podem escolher nem controlar. Os pais do “espírito” da criança são vividos como pais adotivos. A educação de uma pessoa é a matriz fundamental de sua “alma”, mas ela é “filha adotiva” de quem contribui para sua aculturação. Os próprios pais biológicos são sentidos como adotivos quando o filho os estranha, quando não

consegue se identificar com suas ideologias ou com suas posturas educacionais.

Pois bem, a biotecnologia começa a dissolver as fronteiras desses territórios. Quando os pais interferem na reprodução e no próprio genoma, deixam de ser veículos do “mistério da vida” e se tornam responsáveis pelas características do corpo de seu filho. É um poder impressionante de um ser humano sobre outro. A mãe natureza, que era soberana, vai dando lugar para o desejo dos pais, que passam a forjar seus descendentes à imagem e semelhança de suas aspirações e de sua criatividade. A consequência disso é que veremos o surgimento de um homem que não será mais filho de Deus, mas que será filho do Homem e de sua ciência.

Acredito, respondendo à pergunta do Marcelo, que o óvulo masculino é uma manifestação dessa artificialização da reprodução humana, que bane o mistério, o sagrado, a magia. Penso que haverá uma sensação de maior liberdade e de potência e talvez de menor identificação e de menor responsabilidade com o material genético pessoal. A criança será filha da vontade consciente e determinada de quem a engendrou, e não a resultante de um milagre da natureza que ocorreu a partir do encontro de seus pais. O Criador desce dos céus e se confunde com os pais da criatura. Se hoje um adolescente interpela os pais com a declaração “Não pedi para nascer!”, no futuro poderá questioná-los pelas escolhas de seu sexo, da cor dos olhos e muitas outras características pessoais, que poderão incluir até seu temperamento e algumas de suas inclinações. Isso muda de forma muito profunda o sentido dos laços entre pais e filhos. Quanto à identificação sexual, temos motivos para acreditar que existem na criança pré-concepções de pai e mãe, que funcionam como modelos e que serão preenchidas com os elementos ambientais que ela puder encontrar. Essas pré-concepções são biologicamente determinadas e atuarão enquanto o homem não modificá-las agindo sobre o genoma. Sabemos, por exemplo, que crianças criadas por casais homossexuais, em geral, se desenvolvem como heterossexuais. O que me parece mais significativo, na verdade, é esse poder que os pais passam a ter sobre a “produção” dos filhos com o auxílio da tecnologia.

Até agora, em geral, os pais biológicos e os pais do início do desenvolvimento de uma criança são as mesmas pessoas. Isso, talvez, facilite as identificações. Se temos corpos parecidos com o de nossos filhos, é possível que tenhamos mais facilidade de compreender suas reações emocionais e suas tendências mais profundas. Na verdade, não sabemos se isso de fato acontece. Com a tecnologia, porém, poderemos tornar cada vez mais diferente o corpo dos pais do corpo dos filhos, aproximando-nos do que hoje acontece nas adoções. É difícil até de imaginar o que poderá acontecer com as identificações. À medida que a relação pai-filho vai se modificando para uma relação tipo criador-criatura, até mesmo a gratificação narcísica, que é a vivência de continuidade e imortalidade que o filho confere aos pais, pode

* Edição: Cintia Buschinelli, Jassanan Amoroso Dias Pastore e Magda Guimarães Khouri. Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, 25 agosto 2006.

** Psicanalistas pela Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

*** Doutor em Ciências da Informação pela Universidade de Paris 7, professor titular do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp. Autor de *Polítizar as novas tecnologias* (Editora 34), entre outros, escreve sobre as relações entre tecnologia e cultura, ambiente e arte.

****Jornalista e autor do blog Ciência em Dia (www.cienciaemdia.zip.net).

1 Kimbrell, A. *The human body shop: The engineering and marketing of life*. Penang: Third World Network, 1993.

ficar abalada. É diferente você ser continuado por alguém como você ou por alguém que é uma obra sua.

Marcelo L.: Deixe-me ver se entendi bem o seu ponto de vista. O que se discute muito sobre a reprodução assistida é que esse recurso, na verdade, é usado para a realização de fins narcísicos. Trata-se justamente do uso da tecnologia para garantir a possibilidade da transmissão do seu material germinativo para seu filho, quando isso naturalmente seria impossível. Nesse sentido talvez haja até uma intensificação da relação narcísica, pelo recurso da tecnologia.

Cláudio R.: Toda reprodução é uma transmissão de material genético de alguém para seu filho e tem uma dimensão narcísica: o filho é vivido como um prolongamento, um desdobramento, do sujeito. O fato de ela ser assistida não altera isso de forma significativa. No caso de clonagem – a reprodução com o material genético de uma só pessoa –, poderiam ser intensificadas fantasias narcísicas. Se a reprodução assistida, contudo, for vivenciada como uma artificialidade vinda de fora, poderia haver dificuldades de se perceber o filho como parte de si mesmo. Pais que usam os filhos com fins narcísicos, por outro lado, sempre existiram e isso não depende do tipo de reprodução, mas do desenvolvimento mental desses pais.

Marcelo L.: Acho que um dos pontos mais importantes nessa discussão é a concepção informacional do que é humano. Há uma espécie de redução do que constitui a pessoa. Na era genômica em que vivemos, temos a tendência a identificá-lo com o DNA, como se tudo estivesse inscrito no DNA e só nele.

Na realidade, o corpo da criança é produto da interação entre essas duas coisas. Entre o DNA que está contido no óvulo fertilizado, com os cromossomos do pai e da mãe, e o corpo da mãe. Jamais aconteceria qualquer coisa com esse DNA se não houvesse implantação no útero. É desse intercâmbio bioquímico, de nutrientes, de fluidos, que esse corpo se constitui. A partir de uma informação – para usar os termos católicos – que se encarna no corpo da criança.

Esse talvez seja o ponto que seria interessante discutirmos, não tanto para adivinhar qual será a configuração dessa nova psique, mas nos perguntando até que ponto o conhecimento novo e as possibilidades técnicas abertas por ele terão algum efeito sobre a constituição da identidade do sujeito, e se de alguma maneira isso necessariamente afeta as representações que as pessoas têm sobre coisas como maternidade, sexualidade, divisão entre sexos etc.

Não é só nas intervenções tecnológicas já disponíveis ou fantasiadas por nós, como a dos óvulos masculinos, que ainda não existem, que vejo potencial para a perturbação das representações correntes, mas no próprio conhecimento oriundo da biologia.

Um exemplo concreto da embriologia: a determi-

nação do sexo ao longo do desenvolvimento embriológico. Hoje, sabe-se que há um contínuo. O *default* do sexo é feminino – todos os fetos se iniciam com uma constituição que é basicamente feminina e, por uma série de interações de hormônios que vão sendo produzidos, os portadores de cromossomo Y vão se masculinizando. Isso, de algum modo, mexe com uma representação dada que é “masculino é masculino” e “feminino é feminino”.

Na verdade, existe um contínuo que, biologicamente, pode mudar até depois do nascimento. Tais coisas, a meu ver, já estão em circulação há mais tempo, como representação no meio social, já estão tendo efeitos, talvez até maiores e mais presentes do que essas possibilidades técnicas um pouco mais parecidas com a ficção científica que tendem a assustar ou a nos perturbar um pouco. Começando pelo Laymert, queria saber se você também vê dessa forma ou não.

Quebra dos parâmetros de representação e aceleração tecnológica

Laymert G. S.: O primeiro ponto que vale ressaltar é o alcance da quebra dos parâmetros e das representações e do referencial com o qual lidávamos, e com o qual passamos a lidar atualmente. Acho que a quebra das representações é muito mais violenta do que imaginamos. Eu daria o seguinte exemplo: no Escritório Europeu de Patentes há um grupo de quarenta pessoas que estão estudando o futuro porque precisam saber – à medida que cresce de maneira espantosa o número de pedidos de patente, e à medida que já ficou claro que a privatização do conhecimento é um dos temas de ponta do capitalismo contemporâneo – como essa instituição multilateral se equipa para lidar com a questão. Esse grupo lida com quatro grandes vetores. Um é a sociedade, outro é a economia, o terceiro é a geopolítica e o quarto é o que chamam de avalanche tecnológica.

Gostaria de começar pela avalanche tecnológica, pois ela é importante para a quebra das representações. Eles fizeram um estudo e chegaram à seguinte conclusão: se você tomar a aceleração tecnológica do ano 2000 como referência, em termos de unidade de tempo, e projetar para trás, de 1900 até 2000, para ver como ela se deu ao longo do século XX, com uma precipitação nos últimos decênios do século, a conclusão que se chega é que o século XX corresponde a uma contração de tempo que faz com que cem anos se transformem em dezesseis. Com esse mesmo cálculo projetado para a frente, ou seja, para o ano 2000 até 2100, a aceleração tecnológica, visto que é exponencial, equivalerá a 25 mil anos. Ou seja, 25 mil anos em cem. É uma contração absolutamente brutal. Pelos cálculos deles, em duas gerações o humano terá que lidar com uma aceleração tecnológica que equivale a 2500 anos.

A pergunta seguinte é: como agüentar esse impacto de 2500 anos em duas gerações? Se tomássemos até menos do que 2500 anos, a relação seria, por exemplo, como a de um grupo indígena que estava isolado, como os

ianomâmis, e que de repente entra em contato com a sociedade do século XX. O impacto do tempo com o qual os ianomâmis têm que lidar seria equivalente ao impacto com o qual nós lidamos, sem que tenhamos consciência de que estamos fazendo isso.

De certa maneira, estamos numa situação parecida com a dos ianomâmis, com uma diferença: a tecnologia é nossa. Os ianomâmis teriam que lidar com uma tecnologia que não foi produzida por eles.

Isso significa que a tecnologia está penetrando numa velocidade absolutamente espantosa, mudando, destruindo, de certo modo, e minando todo o nosso referencial. Em relação ao que estamos discutindo, sobre a reprodução humana e sobre a transferência da reprodução para uma instância tecnocientífica, a reprodução sai do âmbito familiar, do casal e da reprodução sexuada, e é transferida para outra instância. Nessa transferência, a pessoa passa para segundo plano e a informação, para o primeiro.

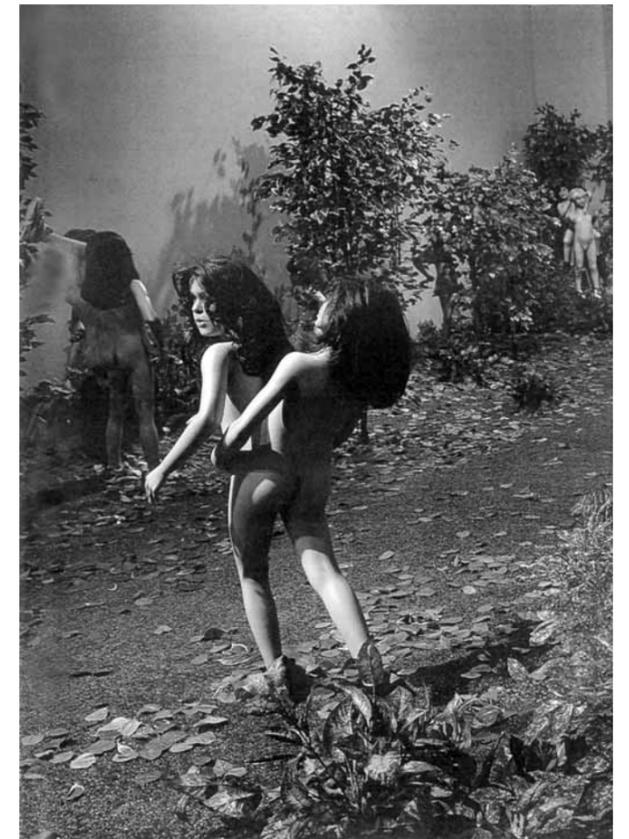
Ora, o Cláudio comentou que “penso que haverá uma sensação de maior liberdade e de potência e talvez de menor identificação e de menor responsabilidade”. Achei interessante esse comentário e lembro de outro exemplo relativo a isso, da ordem do “fantasma”: uma menina de dezoito anos procura um centro de reprodução assistida porque tem uma “piração” de Imaculada Conceição e quer ser a Virgem Maria – é um caso verídico na Inglaterra. Tecnicamente falando, ela pode ser. A equação que se forma é a seguinte: se ela pode, tecnologicamente falando, ser como a Virgem Maria, por que não? Do ponto de vista dela e da sociedade a que pertence, a frase que ela vai dizer quando procurar realizar o seu fantasma será a seguinte: “É o meu direito”.

E em que medida a sociedade está, em primeiro lugar, preparada para satisfazer ou não a reivindicação desse direito, dessa sensação de liberdade e potência implicada nesse direito? Segundo: em que medida a sociedade vai dizer: bem, já que é tecnicamente possível, por que não? Por que não um filho de um casal homossexual, se o casamento entre dois homens for reconhecido? Por que não, no caso de um transexual que diz “Sou homem, mas quero mudar meu corpo para um corpo feminino, para poder ter uma relação lésbica”, ou seja, uma dupla transformação? Por que não?

Do ponto de vista do chamado direito individual, a incidência dessas transformações e a potência de liberação ou de concretização dos fantasmas, por exemplo, são enormes.

Há dois artistas ingleses, irmãos gêmeos, Dinos e Jake Chapman, que discutem em seus trabalhos as questões da biotecnologia. Dentre as obras que apresentam, a *Tragic anatomies* é uma espécie de Jardim das Delícias, cheio de irmãs siamesas, fantasmas que são baixados, *downloadados*, concretizados em seres materiais para a satisfação das fantasias. Em outro trabalho, *Zygotic acceleration, biogenetic, de-sublimated libidinal model*, há um grupo de adolescentes cujo sexo foi mudado de lugar: o nariz está no lugar do sexo, o sexo no lugar do nariz, da boca ou do ouvido; são

criaturas polimorfas, para satisfazer todos os tipos de fantasmas de perversão, e que se encontram reunidas num bloco, como uma espécie de concreção de um conjunto de possibilidades sexuais.



Tragic anatomies, 1996 (Detalhe). Vista da instalação, “Chapmanworld”, Institute of Contemporary Arts, Londres, 1996.



Zygotic acceleration, biogenetic, de-sublimated libidinal model (enlarged x 1000), 1996. Fibra de vidro, resina sintética, tinta, cabelos sintéticos.

A questão que, a meu ver, se coloca nessas obras é onde colocamos os limites? É interessante, não só do ponto de vista jurídico e político, como também porque a violência da quebra de barreiras, que supõe a avalanche tecnológica, é tal que não temos idéia do que será. Ouço os geneticistas falando de propostas alucinadas – e eles falam sério –, até com uma espécie de “esquize” na cabeça, que lhes permitem, de um lado, fazer proposições para platéias de jovens, por exemplo, de transformações alucinadas, com relação ao que é possível tecnologicamente, e, em seguida, assumir o papel do vovozinho legal, do homem da ordem estabelecida.

Aí, ao ouvir o que dizem os cientistas, pergunto-me: “Como se pode dizer que a ciência deve progredir, sem limite algum, sem ordem nenhuma, sem questionamento algum? Como se podem propor transformações tão radicais e, ao mesmo tempo, encarnar o pai de família, o vovozinho, o sujeito completamente *straight*, com tudo arumadinho dentro da cabeça? Como se pode manter essa espécie de dualidade? Como é que na hora em que se deixa o discurso genético não se pensa nas conseqüências que trarão, em termos de efeitos psíquicos e sociais, as implicações que podem decorrer daí?

Alan V. M.: O que vai dar toda essa aceleração tecnológica, 2500 anos em duas gerações, é uma questão de futurologia. Mas se me deixo tomar pelo *páthos* com que Laymert descreve a situação, vou acabar um tanto paranóico! Essa futurologia conduz a uma certa reflexão de cunho nietzschiano, equivocada no meu entender, que interpreta o homem como uma ponte entre o chimpanzé e o além do homem, erroneamente traduzido por super-homem, sendo esse além uma espécie de ciborgue. Nessa teleologia, nada do que hoje entendemos por humano irá sobreviver. Entretanto, não acredito muito nisso, vejo um enorme movimento de busca de formas mais simples de viver, sobretudo nos países mais desenvolvidos. É preciso ver que a maioria das crianças nasce de relações normais, as crianças vão para a escola, adoram passeios na natureza etc. Não é romantismo, apenas uma constatação, sem querer negar a relevância de tudo que foi colocado. Sinto necessidade de equilibrar um pouco a balança.

Marcelo L.: Tendo a ter uma posição menos preocupada com esse futuro acelerado, porque já vejo coisas acontecendo, hoje, que tiveram no passado recente um impacto imaginário comparável a esses em que estamos pensando. Mas vemos também, por outro lado – e é por isso que talvez eu esteja um pouco menos alarmado –, que algumas coisas foram absorvidas sem grande problema, como por exemplo o bebê de proveta.

Louise Brown fez 28 anos outro dia, na Inglaterra. Na época, eu era muito jovem, era algo que mexia muito com a cabeça das pessoas. Hoje é rotina, não escandaliza ninguém – exceto a Igreja Católica, que ainda é contra por razões

doutrinárias, mas acredito que nem os padres mais peçam a alguém que se penitencie por ter recorrido a isso, porque já deve ter sido incluído entre os pecados menos graves.

Acho também que a cultura humana é extraordinariamente plástica. Os ianomâmis sofrem mais, acredito, com o confronto direto com algumas realidades biológicas como doenças, sarampo etc. do que com a visão de um avião, de um barco a motor, ou de outras coisas com que foram confrontados. Até porque eles têm o recurso do mito.

Laymert G. S.: Não é isso o que estou dizendo. Digo que a avalanche tecnológica implica uma quebra de referenciais que muda a maneira como vemos o corpo, o que é homem, o que é mulher, o que é natureza humana e o que não é.

Donna Haraway diz: “Descubro que a ciência do meu tempo me vê como ciborgue, como organismo cibernético”. Ela escreveu em 85: “Eu me pensava como descendente dos macacos; mas constato que a ciência me vê como ciborgue, ou seja, sob a equação C3I – comando, comunicação, controle e inteligência –, e esse C3I é a maneira como a ciência me processa, me trata, ou seja, por meio de um conceito informacional”.

Ela pode gostar ou não de ser vista como um ciborgue, mas isso independe dela. O que interessa é que a ciência do seu tempo a vê como um sistema de agenciamento de informações. A ciência define o que é o organismo hoje, dissolvendo a figura do organismo naquilo que ela considera importante – o agenciamento das informações. Do ponto de vista de um biotecnólogo, ao ver uma planta, ele não vê uma planta, vê um software de planta, um agenciamento de componentes mínimos articulados de um modo determinado. Se vê um animal, é a mesma coisa; se vê um corpo humano, a mesma coisa. Idem, se vê um microorganismo. Edward Wilson, grande especialista em biodiversidade, ao entrar na floresta amazônica, o que vê? A floresta para ele é informação, e, quando lamenta que a floresta esteja pegando fogo, não está lamentando o desaparecimento das árvores, nem mesmo a extinção da floresta. Ele diz: “Tem uma biblioteca aqui que está desaparecendo sem que tenhamos tido a oportunidade de decifrá-la”. O problema dele não é o desaparecimento da floresta, e sim que a informação genética desapareça antes de poder ser decifrada e apropriada.

Ora, se considero que, no humano, tenho que descer para o plano molecular, e se acredito que é nesse plano que as coisas contam – informação, na definição de Gregory Bateson, é a diferença que faz a diferença –, e é aí que a coisa “pega”, esse é o ponto importante que a cibernética vai trabalhar. Ao passar para esse plano, posso continuar achando que meu corpo vem dos macacos, mas a ciência hoje, que está cibernizada, não pensa mais assim. Ela está pensando o seguinte: que nem somos nós que transmitimos a informação genética para nossos filhos; somos apenas concreções provisórias de uma transmissão de informações à qual ela sim é que dá continuidade.

A identidade não está colocada em “Eu tenho um filho, portanto eu continuo através do meu filho”, mas é ao contrário, é a informação genética que continua através de mim e dele, é ela que é importante, que é a unidade de sentido. É a unidade que faz sentido. Então, há uma diferença muito grande.

Sendo assim, posso continuar tendo, assim como os ianomâmis continuam com a noção mítica do corpo, minha noção do século XIX de corpo – de que descendo do macaco e de que o *homo sapiens* é feito assim ou assado. Posso continuar assim. Mas todo o agenciamento que está acontecendo, do ponto de vista da medicina de ponta, do ponto de vista do entendimento do que é humano, do modo como vão ser feitas intervenções nesse corpo etc., tudo isso já mudou. E mudou de uma maneira de que posso gostar ou não. A primeira reação de Donna Haraway, quando descobriu que era ciborgue, foi: “Sou vista como ciborgue, mas ao mesmo tempo, do ponto de vista afetivo, me sinto animal, como descendente do macaco”. Sua primeira reação foi estudar a primatologia e então descobriu que a primatologia também tinha mudado sua forma de conceber as coisas e estava começando a analisar os macacos, a partir do conceito de C3I. Então, não há como escapar.

Marcelo L.: O importante, então, não é tanto a perda ou a dissolução dos referenciais. Porque isso, digamos, ocorre o tempo todo. A história da tecnologia e do conhecimento humano é uma história de colocação de desafios à nossa capacidade de nos adaptar a essas realidades que antes não existiam. Entendo que o problema está em como se dá essa perda de referenciais. A articulação disso com o que um sociólogo ou um marxista diria é que é o modo pelo qual o capital se apropria das novas possibilidades.

A própria noção de informação é uma forma de conceber o mundo, que, ao mesmo tempo, introduz a possibilidade da sua apropriação e valorização do ponto de vista do capital. É isso?

Laymert G. S.: Acho as duas coisas. De um lado você tem a forma como é feita essa dissolução, e, de outro, a velocidade com que ela é feita.

Por que os filósofos, os sociólogos, os artistas etc. começaram agora a se preocupar com a questão da dissolução da natureza humana? A noção de natureza humana tinha uma série de pressupostos que nos faziam sentir humanos, a partir desse referencial. E se esse referencial não vale mais? Como lido com a noção de humano, do ponto de vista da minha própria individuação? Como vou lidar com a minha individuação nesse novo agenciamento, nesses novos parâmetros?

Dissolução da natureza humana

Marcelo L.: Vocês concordam que a natureza humana é a base ou o substrato disso que o Laymert chamou de in-

dividuação, e também concordam com a idéia de que esse conhecimento gerado pelo campo da biologia molecular está de fato dissolvendo o que sempre entendemos por natureza humana?

Alan V. M.: A questão do que é humano já foi problematizada por Heidegger, na *Carta sobre o humanismo*, que considero básica. Ele faz a crítica do humanismo desde Platão, abrangendo toda a história da metafísica ocidental. Nessa carta dirigida a Beaufret, ele defende o que considera a essência (*seiende*, sendo, e não *quiditas*) do humano. A essência do humano não caberia dentro dessa linguagem, pois ela é informacional, intencional e objetivante.

A psicanálise implica uma noção de linguagem não informacional. A psicanálise não interessa nem mesmo a ciência da linguagem, mas a fala mais próxima do onírico, da associação livre, da escuta e do silêncio implicado. Trata-se de um nível pré-conceitual, metafórico, próximo ao vivido.

Uma das críticas de Heidegger que me parece fundamental é justamente à objetivação do mundo. Você começa objetivando a natureza, que passa a ser reserva de matéria-prima. E acaba por objetivar o próprio homem, que também se transforma em matéria-prima, na forma de mão-de-obra. Na medida em que o ser humano vale como mão-de-obra, ele tem que ser normalizado, organizado, para a sua adequação à produção dentro do sistema econômico capitalista vigente. Como escapar disso?

A única possibilidade seria a preservação daquilo que chamamos essência do humano. E a recuperação desse sentido mais fundamental é inerente à preservação ou à recuperação da linguagem metafórica. Essas considerações são pertinentes, pois a psicanálise é uma *talking cure*, uma cura pela palavra, da palavra que está mais do lado do poético do que do lado objetivante e intencional.

Quando ouço o seu discurso, Laymert, me lembro do T. S. Eliot, em *Waste land*: “O mundo não acaba num estrondo, mas num suspiro”.

Caso a psicanálise pudesse de algum modo ser incluída na dimensão do “princípio esperança” do qual fala Ernst Bloch, seria justamente o de recuperar esse sentido de humanidade que não é simplesmente o da informação.

De maneira distinta, Slavoj Žižek também o afirma, dentro de uma perspectiva lacaniana, ao tratar da questão do simbólico, do trauma como a inscrição do simbólico no corpo. Enfim, o trauma é a própria constituição do humano em Freud e em Lacan, e, na interpretação do Žižek, isso não é redutível ao genético ou ao informacional. Por isso a linguagem tecnocrática é complicada. Qual canto de sereia, ela nos engole e nos asfixia, destruindo o mais íntimo. Talvez seja bom assumir uma posição crítica como condição de possibilidade de manter uma distância para poder pensar. Não devemos ser nem tecnofóbicos, nem tecnofílicos, mas fazer o máximo esforço para pensar essas questões, como muito bem escreveu G. Lebrun num artigo

intitulado “Sobre a tecnofobia”, incluído no livro *A filosofia e sua história*, recém-publicado pela Cosac& Naify.

Cláudio R.: Quando vocês começam a conversar entre vocês, me sinto como o ianomâmi do Laymert. São tantos os estímulos que acabo “viajando”. Em primeiro lugar, em relação à aceleração. Quando um ianomâmi entra em contato com as margens de uma civilização invasora, em todos os sentidos que marginalidade possa ter, recebe um impacto brutal. Mas nós produzimos essa aceleração cultural: é como se estivéssemos dentro de uma nave que vai ganhando velocidade e por isso temos a impressão de que está tudo parado. Nossa maior dificuldade é avaliar as transformações que estão ocorrendo. Ter um ponto de vista suficientemente estático para perceber a mudança que ocorre a cada instante.

Tenho sessenta anos, o que é muito pouco tempo se pensarmos na história da civilização; no entanto, se comparo as ideologias, as fantasias, a moral de quando eu era criança com as de hoje, parece que sou de outra espécie. É absurdo o quanto tudo mudou. Mas de fato não notamos essa mudança, pois estamos mudando ao mesmo tempo.

Assim, quando vocês perguntam se já existe modificação simbólica, minha tendência é dizer que não, que está tudo igual ao que sempre foi, porque estou me alterando na mesma velocidade.

A impressão que a gente tem é de que está tudo normal. Sou tão ser humano quanto era meu bisavô. Com costumes diferentes, com referenciais diferentes. Mas será que sou? Provavelmente não. Provavelmente já me concebia de um jeito muito diferente. Todos esses assuntos da biotecnologia me causam menos impacto no dia-a-dia do que a tecnologia não biológica. Por exemplo, a tecnologia das comunicações.

Você pode perceber que as pessoas começam a se conceber nas relações pessoais de forma parecida com aquela implicada em seu comportamento nos chats. A menina que numa balada beija quinze, e fica contando quantos beijou, tem comportamento similar ao de uma pessoa se relacionando na internet. E o que ela faz com os quinze beijos? Imagino que tenha algum modo de processar essa experiência. Dizer que “ela não entra em contato com nada” é ter uma visão bastante conservadora. É claro que ela entra em contato, tem emoções e as elabora. Que brincadeira é essa que ela faz quando dá os quinze beijos?

Pensando winnicottianamente, se brincar é recurso para simbolizar, se brincar é sério, que brincadeira é essa? O que ela está simbolizando? Acho que está brincando de ser parte de uma rede, como um ser plugável, em que, quanto maior a velocidade em plugar e desplugar, mais preparada ela estará para as novas formas de relação social. Ficamos escandalizados e podemos pensar que essa menina vai enlouquecer. Mas talvez enlouqueça se não fizer isso, pois daqui a dez anos talvez ela não esteja preparada

para mudar de emprego a cada cinco minutos, coisa que será absolutamente possível, pois será agenciada pela internet e poderá, portanto, mudar de emprego a cada cinco minutos. Achamos que essa menina está precisando de análise, para estabelecer relações menos promíscuas. Pode ser, porém, que, se isso acontecesse, ela ficaria desadaptada para o futuro.

Você falou da Imaculada Conceição. Imaculada por quê? Porque ela não precisou ter relações sexuais. A Igreja, quando inventou a Imaculada Conceição, achou bonito ela não ter relações sexuais. Mas a Imaculada Conceição é um mito repetido em muitas culturas, quando se trata do nascimento do herói. No geral, o herói não tem pais e surge como um ser engendrado por forças que não a da relação sexual entre duas pessoas.

Por que o herói não pode ter pais? Porque está comprometido com a humanidade como um todo. Comprometido com ideais abstratos e, portanto, as identificações com um casal concreto fariam dele um homem comum. E ele é herói exatamente porque é incomum. Ele pode matar os pais, se for necessário para a causa dele. E os mata, simbolicamente, para ser um homem da humanidade. Desconfio que essa moça da Imaculada Conceição possa ser uma precursora do homem do futuro. Todos nos conceberemos como nós de rede e, como tal, não teremos a posse de um filho. Mas estaremos produzindo filhos como circunstâncias, seremos meras passagens de uma informação, para seres que estarão funcionando de forma espalhada, disseminada, digamos.

Isso é viajar demais? Pode ser. Mas acho que isso já acontece, em vários sentidos. Por exemplo, é muito difícil hoje formar e manter uma família. Porque formar e manter uma família, de certa maneira, isola as pessoas da grande sociedade.

Se um homem fica estável com uma mulher, começa a ter problemas profissionais, por exemplo. Porque a mulher tem vínculos profissionais que são variáveis e que variam cada vez com mais velocidade. O mesmo se pode dizer a respeito do homem. Se ele se fixa em uma mulher, perde a mobilidade. Se os dois têm filhos, perdem ainda mais mobilidade. Esses fenômenos revelam uma tendência.

Pode ser que isso cause uma espécie de náusea coletiva e voltemos a comer a comida da vovó, num lugar sossegado, com os filhos em volta. Mas se não acontecer essa reação, podemos pensar que estamos indo numa direção. E essa direção é a desindividualização. Isso tornaria ultrapassada a própria pergunta de se alguma coisa seria mais narcísica ou menos narcísica. A palavra “narcísico” aí está sendo usada como mais egoísta ou menos egoísta, mais individualista ou menos, situação que se dissolveria no funcionamento de inteligência coletiva ou de rede.

Alan V. M.: Paul Virilio montou uma exposição em Paris denominada *Ce qui arrive*, continuação de uma ante-

rior justamente sobre a aceleração no mundo moderno. Foi uma exposição muito impressionante. Ele mostra como toda a invenção técnica revela, como resultado da própria substância técnica, o acidente. O acidente como evento catastrófico. Criada a estrada de ferro, temos o acidente ferroviário; na navegação marítima, o *Titanic*; na aviação, o acidente aéreo; o poder atômico, Hiroshima e Nagasaki e os acidentes em usinas nucleares, e, como a mais recente, ele aponta a possibilidade da bomba de Hiroshima genética, expressão de Paul Virilio. Como a bomba atômica explodiu, é possível que algo de muito errado e perigoso aconteça no campo da genética. Isso é possível. Aliás, a idéia de que um vírus letal escape de algum laboratório, pondo em risco a humanidade, faz parte do imaginário dos filmes de terror. O acidente é sempre possível e tende a acontecer, só não sabemos da sua gravidade.

Eu me lembro do evento dos foguetes de Cuba. Chegamos ao limiar de uma guerra atômica entre Estados Unidos e União Soviética, o que poderia representar o fim do mundo, ao menos como nós o conhecemos. Felizmente não aconteceu! Continua, no entanto, como uma espécie de espada de Dâmoques, a possibilidade do fim da humanidade.

Essas questões afetam o senso de realidade, a nossa complexa temporalidade e o próprio modo como nos inserimos na linguagem. Talvez aqui pudéssemos convocar a psicanálise, como Freud pensou a questão da guerra, visando à restituição de uma possibilidade mais própria ao humano. Freud, apesar de pessimista, afirmava a absoluta necessidade de combater a guerra, um imperativo moral; acho que o mesmo se aplica às questões em consideração.

Intervenção farmacológica

Marcelo L.: Há outra questão que pode ser até mais relevante para o campo da psicanálise, que é a questão da intervenção farmacológica, que também está sofrendo uma aceleração muito forte, por causa do conhecimento adquirido com a genômica.

Dou um exemplo concreto, uma entrevista perturbadora que li recentemente de um diretor de um tal Instituto do Futuro da Universidade de Oxford. Ele fala da possibilidade de utilizar hormônios, como a vasopressina e a oxitocina, em uma combinação correta para, nas palavras dele, reintroduzir o romance em um casamento, digamos assim, terminal.

Zizek² levanta perguntas perturbadoras: por que não, se isso for vivenciado por essas pessoas como um bem? Eu tenho a sensação, não é mais do que uma sensação, de que, de modo geral, as pessoas cada vez mais põem suas fichas nesse tipo de recurso do que em qualquer processo de elaboração. Como fica isso para vocês?

Cláudio R.: Isso aparece em nossos consultórios como avalanche. Por exemplo, a moça recém-divorciada, levemente deprimida, pois acabou de se separar do marido, diz: “Tenho religiosamente corrido das oito às nove da manhã para produzir endorfinas”. Outro paciente fala: “Levei minha mãe ao psiquiatra, pois ela estava insuportável, massacrando meu pai, numa agitação enorme, agredindo-o pelas mais diferentes razões, e o coitado do velho não está mais agüentando. Levei para o psiquiatra, ele foi ótimo. Conversou com ela por duas horas e meia, muito seriamente, fiquei muito impressionado. Depois de duas horas e meia, ele a mandou tomar meio comprimido de um tal remédio. Disse que não era nada grave e que, se ela tomasse meio comprimido por dia, em três ou quatro semanas, estaria bem. Fiquei espantado com a precisão e com a eficiência da psiquiatria atual!”

Diz outra moça: “Nós voltamos a ter relações sexuais, mas ele está tomando Viagra. Será que ele gosta de mim?”. No caso do Viagra o sujeito pode dizer “Eu te amo, eu te adoro, te acho uma mulher fantástica, mas meu ‘companheiro’ não me obedece, então eu tomo Viagra para que ele se comporte de acordo com o meu desejo”. Ela pode acreditar ou não, mas seria melhor que não soubesse que seu amado estava tomando o remédio. Com a oxitocina ou a vasopressina para fazer voltar um romance, de novo acontece o fenômeno do “é melhor não saber”, porque, se souber, o romance deixa de ser romance e passa a ser efeito de medicação.

Citei algumas situações anedóticas. O cotidiano, porém, também é feito pelos antidepressivos. São drogas usadas para tristezas de qualquer tipo, sentimentos desagradáveis, compulsões, idéias obsessivas e outros problemas. Geralmente são os inibidores seletivos da recaptação da serotonina, que, às vezes, trazem uma série de efeitos colaterais e alguns sintomas de despersonalização e desrealização.

O paciente relata estar sem angústia e sem tristeza, consegue se concentrar no trabalho, mas sente que a vida está sem graça. Ou ele diz “Melhorei de uma série de sintomas, mas minha vida não tem sentido”; ou “Estou me sentindo muito melhor, só que estou morno. Não vibro com as coisas. Vou parar de tomar o antidepressivo porque prefiro sofrer e criar problemas a ficar morno”.

Na sociedade contemporânea, o sujeito se vê como consequência do funcionamento de seu corpo, que, por sua vez, é considerado uma espécie de máquina, um computador complexo, que pode ter o seu funcionamento, os seus climas alterados por essas drogas. Evidentemente trata-se de uma representação de si muito diferente de uma outra em que o sujeito entende que seu espírito é um sopro divino, por exemplo, e que pode sobreviver ao corpo. No mo-

2 “A falha da bioética”, *Folha de S.Paulo*, 22 de junho de 2003. Pela internet: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs2206200305.htm> e <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs2206200306.htm>.

mento em que me permito tomar remédios que mudam qualidades da minha sensibilidade, da minha apreensão da realidade, fico mais amarrado a esse corpo, como mecanismo. Tendo a me representar cada vez mais como consequência de um funcionamento fisiológico. Isso é uma enorme modificação de identidade, de como o sujeito concebe a si mesmo.

Marcelo L.: A esse respeito, existe uma discussão interessante levantada por Zizek ao fazer a crítica de Francis Fukuyama...³ O Fukuyama tem uma visão muito crítica do excesso de confiança na farmacologia como solução para tudo. Em seu livro *Nosso futuro pós-humano* ele comenta que essa é a decadência completa dos valores que construíram a civilização americana, ou seja, a força de vontade, a dedicação, o enfrentamento da dificuldade.

Zizek critica Fukuyama porque diz que essa é uma visão conservadora e que é muito difícil estabelecer a diferença, para o sujeito concreto, entre obter um resultado, por esforço próprio, por um esforço de vontade de combater sua própria depressão, ou tomar um antidepressivo.

No momento em que ele supera a depressão, a vivência dele pode ser muito semelhante, no nível dos neurotransmissores, seja por ingestão externa, seja por capacidade de combate à depressão. O resultado, do ponto de vista bioquímico, será o mesmo. Ele terá um aumento de tal neurotransmissor. Como fica essa questão da responsabilidade individual moral, diante das possibilidades abertas pela farmacologia? É o caso de acompanharmos Fukuyama, no seu conservadorismo de recusar soluções fáceis que são contra os valores morais que sempre nortearam a espécie humana, ou pelo menos a espécie humana na visão dele, americana? A abordagem de vocês já respondeu, em parte, mas gostaria de uma resposta mais direta.

Cláudio R.: Essa sua pergunta é bem interessante. Uma coisa é o efeito dos remédios. Outra é o efeito que os cientistas imaginam que os remédios terão. Outra coisa ainda são os efeitos que a máquina publicitária da indústria farmacêutica quer fazer as pessoas acreditarem que os remédios terão.

Quando os antidepressivos de última geração apareceram, eram considerados a “droga da felicidade”. A impressão que temos é de que elas estão perdendo eficácia em boa parte dos usuários. O efeito placebo é muito forte quando surge uma droga nova. Esse efeito está apoiado na fantasia de que agora foi encontrada a solução, na esperança que é vendida junto com o remédio, e na esperança que o próprio psiquiatra tem, ao receitá-lo.

Não acredito que o efeito dessas drogas seja tão importante quanto coloca o Fukuyama. Acho que a psi-

canálise tem a possibilidade de ajudar muito o paciente a compreender e a verificar se ele está usando uma droga como solução mágica e fácil de seus problemas ou se a está usando como ajuda para uma reestruturação responsável de sua existência.

O remédio pode ser usado como um aditivo para a manutenção de uma vida alienada e absurda, como um coadjuvante para a preservação de relações humanas insatisfatórias e imaturas, ou pode ser usado para superar dificuldades que impedem o desenvolvimento de alguém. Acho que nisso a psicanálise pode ser de importância crucial.

Otimismo versus pessimismo

Laymert G. S.: Só faria um pequeno comentário a respeito das pessoas que dizem preferir sofrer a ter uma vida administrada tecnologicamente por esse tipo de medicação. Isso me faz pensar em que medida a biotecnologia coloca um desafio para a psicanálise, uma vez que ela propicia maneiras de resolver a questão que não passam por uma via analítica ou pela cura pela fala – via que tem investimentos simbólicos muito fortes, mas não essa espécie de administração, que é assumida pela indústria.

Ouvindo os dois, acho que há um otimismo muito grande. Vou fazer uma provocação. No livro *O nascimento da biopolítica*⁴ – único livro-seminário em que Foucault faz a análise de um tema contemporâneo, pois sempre estudou o passado e nunca o século XX, mas aqui ele estudou o neoliberalismo –, o filósofo analisa as duas escolas que são as matrizes do neoliberalismo: a de Freiberg, na Alemanha, para mostrar a nova relação Estado/mercado, e a Escola de Chicago, para mostrar a relação mercado/indivíduo. Pois bem: ali ele diz que, no neoliberalismo, o indivíduo passa a ver a si mesmo não mais como trabalhador, e sim como capitalista de si mesmo. E todas as suas aptidões, qualidades, competências etc. são como ativos financeiros desse sujeito, que ele precisa valorizar. Mas se não for capaz de valorizar, o problema é dele, porque não sabe fazer as apostas certas, investir no lugar e no momento certos. E não existe mais a categoria “consumo” ou “lazer” etc., assim como não existe a categoria “trabalho”; o que existe é a categoria “realização ou não de ativos”. O sujeito está então se perguntando se fez a aposta correta, se o que está aprendendo vai valer ou não.

Era 1979, a genética ainda não havia explodido, e Foucault faz um comentário sobre o que era inquietante: como será a cabeça desse indivíduo, nas sociedades contemporâneas, que pensa a si mesmo e a todos os seus recursos, como ativos? E não só os recursos adquiridos. O patrimônio genético também. Ora, na medida em que o patrimônio genético passa a ser um ativo, vou começar a considerar a mim mesmo, no plano molecular, um ativo,

portanto, serão necessárias estratégias a respeito desse investimento. De certo modo, Foucault estava abordando o nascimento de um novo tipo de eugenia e, ao mesmo tempo, um novo tipo de situação, na qual o sujeito se individualiza, mas não é ele que se individualiza. É o mercado que lhe diz como tem que se individualizar, e ele se individualiza a partir do que o mercado diz. Essa questão é muito interessante, já que Foucault tinha um projeto de continuar estudando biopolítica, no entanto acabou só traçando o quadro geral do que seria a sua matriz, e não a estudou porque no ano seguinte deriva para outra direção e dá início à última fase de seu trabalho, que se refere completamente aos cuidados de si.

Ele vai para o mundo antigo e começa a se perguntar como era o cuidado de si no mundo antigo, o governo de si mesmo, antes de querer governar o outro. Estuda o governo de si porque diz que, no momento de agora, quando mais precisávamos, quando era mais urgente ter um pensamento sobre a individualização, esta parece estar em xeque, e não podemos mais nem colocá-la. Está revogada porque todo o sistema econômico, industrial e tecnológico se volta para a produção de um indivíduo, no qual a escolha é sempre aquela que o mercado diz que deve ser. Nessas circunstâncias, quando chega a dizer “Prefiro sofrer a ter uma vida administrada”, de certo modo o sujeito está fazendo uma escolha que rompe com a gestão da sua individualização. A gestão é proposta a ele pelo sistema, mas também pela indústria farmacêutica, pela biotecnologia como um todo.

Há um texto muito interessante de uma jovem filósofa francesa chamada Barbara Stiegler⁵ que mostra como essa questão já estava presente em Nietzsche. Em um livrinho chamado *Nietzsche e a biologia*, ela pergunta qual foi o problema do Nietzsche, no final da vida dele. E responde: foi a relação entre grande saúde, por um lado, e grande política, por outro. Grande política é a lei do mais forte. E o mais forte será, na configuração de hoje, aquele que tiver possibilidade de aceder às biotecnologias, para criar essa nova humanidade, que são os geneticamente modificados. Como diz o geneticista de Princeton, Lee Silver,⁶ já começou o processo de abertura de uma segunda linha de evolução. Na primeira linha, há as pessoas que serão as “naturais”, e na segunda, há as pessoas que serão geneticamente modificadas, a partir do momento em que a manipulação genética não for mais somática apenas, mas igualmente nas células germinativas. Você faz um “melhoramento” para você e o transfere para seu filho, que por sua vez também faz um melhoramento, e assim surge uma segunda linha de evolução da espécie. Ora, na questão da divisão “grande política” e “grande saúde”, a grande política é o seguinte: se tenho a possibilidade de exercer toda essa potência na direção dos mais fortes, “danem-se os

outros”, quem não puder entrar, adeus; começa-se com a exclusão digital, depois dá-se um “del” nessa turma. É sinistro, mas é uma questão de “del”.

A outra linha, do “Eu prefiro sofrer”, é a grande saúde. Nietzsche pergunta: o que é o cristianismo? É o supremo requinte da suprema maneira de fazer com que o homem passe a minar a si mesmo. Mas quanto não crescemos com o sofrimento gerado pelo cristianismo, quanto não aprendemos a nos superar? Não na linha do que está programado para nós, da “grande política”, mas naquilo pelo qual tenho que passar para poder crescer? A alternativa é interessante, contudo há um certo otimismo da parte de vocês com relação à potência. Mesmo que a indústria não seja capaz de resolver o problema da depressão, se ela conseguir simular numa escala mega – não apenas para o indivíduo, mas socialmente – que o problema da depressão está resolvido, e que, se você tiver uma existência morna está ótimo, é um problema sério para a psicanálise. Não sei, então, se não há muito otimismo.

Marcelo L.: E note que otimismo é quando as pessoas escolhem sofrer...

Cláudio R.: Não sou tão otimista assim! Falei que a psicanálise poderia dar uma contribuição. Mas a psicanálise é minoritária, vai contra a corrente. Vemos que essas coisas estão acontecendo. As pessoas estão cada vez mais se entendendo como ativos. E procuram usar aditivos que vão desde o silicone nos peitos até os antidepressivos, passando pela cocaína e outras drogas ilegais. Pois não são apenas os fármacos produzidos pela indústria farmacêutica que são consumidos freneticamente.

A psicanálise vai contra a corrente. Mas ela pode permitir que o sujeito avalie o quanto ele está dentro desse sistema, se é que o psicanalista não perdeu a lucidez a respeito do processo. Porque ele também vai se vendo, cada vez mais, como um ativo. Ele não está fora dessa cultura, está dentro dela.

Quando você diz que o sujeito pensa agir como indivíduo, mas na verdade está só respondendo à sociedade capitalista, eu perguntaria se ele é diferente do mártir que se deixa comer pelo leão. Ele acreditava ser um herói do cristianismo, que não se deixava levar pelas pressões etc. O fato é que, hoje em dia, ninguém se deixaria comer por um leão. Certamente ele também respondia a forças sociais de determinados tipos. Em que medida a própria idéia de individualidade não é uma ilusão que vai mudando, de acordo com o tempo? Nesse ponto me torno um otimista radical. Talvez continuemos sempre a ter a impressão de que somos indivíduos autônomos. Nem a questão do pós-humano aconteceria. Pois, se a essência do

3 Fukuyama, Francis. *Nosso futuro pós humano*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.
4 Foucault, Michel. *Naissance de la biopolitique*. Paris: Gallimard, 2004.

5 Stiegler, Barbara. *Nietzsche et la biologie*. Paris: Presses Universitaires de France, 2001.
6 Silver, Lee. *Remaking eden*. London: Weidenfeld & Nicolson, 1998.

humano seria a ilusão de que somos indivíduos livres, então continuaríamos a nos sentir humanos mesmo quando já tivéssemos virado computadores. Continuaríamos tendo a ilusão de ser livres, mesmo que estivéssemos respondendo de forma quase automática à cultura em que estivéssemos submersos.

Alan V. M.: Não sou nem otimista nem pessimista. Não quero fazer futurologia, não tenho bola de cristal. O ser humano tem passado ao longo da história por transformações impressionantes. Pode acontecer que o mundo acabe ou sofra transformações que destruam tudo o que apreciamos ou valorizamos, mas quem sabe possa haver uma mutação para o melhor. Repito, simplesmente não sabemos. Claro que isso não nos isenta de pensar nas coisas que nos afetam, como hoje estamos fazendo. De qualquer modo, nosso tempo de vida é relativamente curto, e cada geração já terá outro grau de assimilação em relação às enormes mudanças que estão ocorrendo.

Marcelo L.: Gostaria de dar uma nota otimista final. Acho que se pode escolher entre o otimismo e o pessimismo. Tenho a tendência a escolher o otimismo. Vou dar duas citações em apoio a isso. A primeira é uma frase da Donna Haraway, que é a seguinte: “Se for para ser ciborgue, quero ser ciborgue de oposição”. Acho genial. É uma escolha. É pessimista, mas é otimista. Acho que o ponto de vista adotado pelo Zizek é um pouco esse. Ele diz que não há caminho de volta com relação ao conhecimento adquirido pela biotecnologia, quer dizer, não é o caso de recusarmos, como propõe o Fukuyama, essa gama de possibilidades abertas; trata-se de como usá-las e como se reprocessa isso no universo simbólico. Escolho uma frase dele que fica como minha última observação: “Essa redução do meu ser substancial à forma insensível do genoma me força a atravessar o fantasmagórico *étouffe de moi*, e é somente através desse esforço que pode emergir a subjetividade propriamente dita”.

Alan Victor Meyer
avmeyer@uol.com.br

Cláudio Rossi
crossi@terra.com.br

Laymert G. dos Santos
laymert@uol.com.br

Marcelo Leite
mleite@uol.com.br

Psicanálise, biociência e subjetividade*

Luis Carlos Menezes**

Manuel da Costa Pinto***

Sidarta Ribeiro****

A *ide*, no intuito de dar prosseguimento ao diálogo entre psicanálise e inovações biotecnológicas, convidou o neurobiólogo Sidarta Ribeiro e o psicanalista Luis Carlos Menezes para conversarem sobre as aproximações e diferenças entre os campos da biologia, da tecnologia e da psicanálise, ao pensar a subjetividade.

Contamos com a coordenação de Manuel da Costa Pinto, jornalista que, por sua larga experiência com o tema, criou condições para a expansão das idéias dos participantes.

Determinismo biológico *versus* intencionalidade subjetiva

Manuel da Costa Pinto: Para quem não pertence à área da psicanálise nem é pesquisador ou cientista, como eu, a primeira questão que as biotecnologias sugerem é a da ética. Nossa tendência é fazer uma crítica das biotecnologias como forma de dissolução da subjetividade, mas me parece haver uma contradição nesse discurso. Filósofos e psicanalistas são unânimes em afirmar que o homem não é redutível a um “naturalismo receptorial”, expressão utilizada pelo psiquiatra e filósofo italiano Mauro Maldonato, em *A mente plural*,¹ para definir a concepção da mente pelas ciências cognitivas. Ou seja, por mais que as zonas do cérebro sejam conhecidas, sempre há no comportamento intencionalidades subjetivas que escapam às determinações neuronais. Se é assim, se a subjetividade humana é irreduzível, por que existe uma espécie de terrorismo em relação ao saber biocientífico, segundo o qual tais avanços levariam à supressão da subjetividade?

Luis Carlos Menezes: O medo é o medo das ideologias, das crenças, das convicções muito arraigadas. Todos temos crenças e convicções, e elas são necessárias, mas se certas convicções se organizam em um sistema, assustam. A ideologia nazista, em dado momento, começou a assus-

tar. Alguns se encantaram, outros se assustaram. A ideologia comunista encantou durante décadas, e ainda encanta. A ideologia científica pode virar uma ideologia política. Na ficção científica é freqüente vermos um mundo reduzido a um ordenamento científico-tecnológico. A ciência cartesiana, a ciência exata a que você se refere, Sidarta, em um dos seus artigos, foi se desenvolvendo nos séculos XVIII e XIX, e visa estabelecer com precisão o que determina, procurando alcançar um poder de previsibilidade bastante grande sobre o que vai acontecer. É por ter alcançado isso em muitos domínios que chegou à admirável eficácia que lhe é própria. Mas, uma ideologia de funcionamento do homem, do social, inspirada em seus princípios, deixa, naturalmente, pouca margem para o imprevisível. Tem, inevitavelmente, um caráter abrangente, redutor, totalitário – e isso assusta.

Manuel C. P.: Mas a própria ciência contemporânea incorporou a idéia de que a ilusão e o erro são etapas da investigação. Se houvesse na ciência uma racionalidade total, retilínea, não haveria contradição entre as descobertas (aliás, nem haveria descobertas que transtornam e contradizem o saber consagrado, mas apenas um acúmulo progressivo de novos conceitos e domínios de objetos). A ciência lida com premissas lógicas e tem que chegar a conclusões que sejam conseqüência necessária das premissas; ao mesmo tempo, porém, ela admite que haja diferentes conclusões necessárias. Do contrário, a ciência seria unívoca. Há alguns saltos lógicos, nas construções teóricas, que se devem a decisões – que por sua vez significam intenções.

Luis C. M.: Não me referia à ciência, mas a uma ideologia assustadora inspirada nos ideais da ciência exata.

Sidarta R.: Isso. O conhecimento técnico tem sido

* Edição: Ana Maria Brias Silveira, Jassanan Amoroso Dias Pastore e Magda Guimarães Khouri. Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, 15 setembro 2006.

** Psicanalista, membro da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo e do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae. Atual presidente da SBPSP.

*** Jornalista, coordenador editorial do Instituto Moreira Salles, colunista da *Folha de S. Paulo*, autor de *Albert Camus: Um elogio do ensaio* (Ateliê, 1998) e editor das séries “Memória da psicanálise” e “Memória da pedagogia” (Revista *Mente & Cérebro*, Duetto Editorial).

****Ph.D. em neurobiologia pela Universidade Rockefeller e diretor de Pesquisa do Instituto Internacional de Neurociências de Natal (IINN). Fez pós-doutorado na Universidade Duke (2000-2005) investigando as bases moleculares e celulares do sono e dos sonhos, bem como o papel de ambos no aprendizado.

¹ Maldonato, Mauro. *A mente plural*. São Paulo: Unimarco, 2006.